

# BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

## PLANO

### OBRAS GERAIS

Bibliografias. Dicionários. Periódicos.  
Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios.  
Tratados. Cursos. Manuais.  
Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

### ESTUDOS HISTÓRICOS

Histórias Gerais.  
Histórias Especiais.  
História da Filosofia Brasileira.

### ESTUDOS DE AUTORES

Autores Antigos.  
Autores Medievais.  
Autores Modernos.  
Autores Contemporâneos.  
Autores Brasileiros.

### EDIÇÕES DE TEXTOS

Textos Antigos.  
Textos Medievais.  
Textos Modernos.  
Textos Contemporâneos.  
Textos Brasileiros.

### ESTUDOS SISTEMÁTICOS

Epistemologia.  
Lógica.  
Teoria da Filosofia.  
Metodologia Científica.  
Epistemologia das Ciências.  
Ontologia.  
Filosofia da Natureza.  
Antropologia Filosófica.  
Teodicéia.  
Axilogia.  
Estética.  
Ética.  
Filosofia da História.  
Filosofia Social.  
Filosofia Política.  
Filosofia da Educação.  
Filosofia da Ciência.  
Filosofia da Arte.  
Filosofia da Cultura.  
Filosofia do Desenvolvimento.  
Filosofia da Linguagem.  
Filosofia da Religião.  
Filosofia da Economia.  
Filosofia do Direito.  
Filosofia do Trabalho.  
Filosofia do Lazer.

## BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

## ESTUDOS HISTÓRICOS

## HISTÓRIA DA FILOSOFIA BRASILEIRA

291. RIBEIRO, Sylvia A. de Oliveira. O modelo jesuítico de ensino de filosofia e sua realização histórica no Brasil Colônia, **Reflexão**, 2 (6): 219 – 235. jul., 1977.

A autora analisa o lugar do ensino da filosofia na **Ratio Studiorum** dos jesuítas e sua aplicação no Brasil Colônia. Após apresentar a gênese e a formação histórica da **Ratio Studiorum**, analisa a atuação pedagógica da Companhia de Jesus no Brasil, através de seus cursos de filosofia, de teologia e de artes. O ensino da filosofia limitava-se à análise e interpretação de textos aristotélicos e tomistas, sem nenhuma relevância prática para a formação da juventude brasileira.

292. RODRIGO, Lídia Maria. Sobre a situação da filosofia no ensino secundário. **Reflexão**, 2 (7): 465 – 471. set., 1977.

Discussão da extinção da filosofia nos currículos do secundário a partir de 1978. Apresentação das razões subjacentes que levaram a esta decisão no contexto da lei 5 692, razões estas de natureza eminentemente político-econômica. Explicitação do significado da filosofia para o ensino do 2º grau e exigência de sua reintrodução.

293. SEAF. A reintrodução e necessidade do ensino da filosofia no currículo do 2º grau. **Reflexão**, 2 (7): 471 – 474. set., 1977.

Proclamação da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas, reclamando a reintrodução da filosofia no currículo do 2º grau, dado o seu caráter de disciplina de fundamentação das ciências, das artes e da própria tecnologia. Mesma exigência formulada em relação ao ensino das ciências humanas.

## ESTUDOS DE AUTORES

## AUTORES MODERNOS

294. BENEDETTI, Luiz Roberto. Miséria e grandeza do homem religioso: Feuerbach e Durkheim, **Reflexão**, 2 (6): 245 – 259. jul/1 977.

Tentativa de comparação entre Feuerbach e Durkheim no campo da religião, buscando aprofundar as semelhanças e diferenças que se encontram no interior do quadro formado pela analogia entre a sociedade sagrada de Durkheim e o homem divinizado de Feuerbach, bem como pelo movimento que leva o homem a encontrar seu verdadeiro ser no social ( Durkheim ) e da alienação do humano no ser divino ( Feuerbach ).

295. BOITEAUX, Ruyter Demaria. David Hume, o filósofo, o moralista e o historiador. **Rev. Bras. Fil.** 27 (107): 279 – 287, jul/set, 1 977.

Retomada da significação da obra de Hume, na comemoração de seu bicentenário. O autor segue o critério cronológico, expondo as principais teses do autor à medida em que aparecem em seus livros.

296. NOGUEIRA, João Carlos. Freud e a interpretação psicanalítica dos fenômenos religiosos, **Reflexão**, 2 (7): 369 – 382, jul/set, 1 977.

O autor se propõe acompanhar Freud nas marchas e contra-marchas da hermenêutica que aciona para explicar a religião como mera expressão cultural. Começa pela hipótese que interpreta o movimento geral da cultura a partir da teoria do inconsciente para mostrar, em seguida, a interpretação do fenômeno religioso na linha da ilusão, com o conceito de Deus que lhe é inerente. Após seguir toda a progressiva evolução deste conceito em Freud, conceito que gira em torno do complexo de Édipo, o autor conclui apresentando os limites e as condições de validade da interpretação freudiana.

297. RIBEIRO JR., João. Crítica à concepção comtiana do direito, **Reflexão**, 2 (6): 203 – 212 jul/1 977.

Retomada interpretativa do sentido, do valor e do alcance do direito no positivismo comtiano, concepção esta que deixou marcas profundas no pensamento jurídico atual. Comte sustenta que, no Estado Positivo, a idéia do direito deve desaparecer da esfera política por ver nela uma contradição ao positivismo. O direito nada mais pode ser do que o cumprimento do dever, sendo assim independente da moral, fruto da mera exterioridade social. Com tais posições, o comtismo acaba agravando as condições de anarquia que queria combater.

## AUTORES CONTEMPORÂNEOS

298. CAVALCANTI FILHO, Theóphilo. Luis Recaséns Siches, **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 234 – 239 – jul./set., 1 977.

Homenagem à memória do filósofo guatemalteco, falecido em julho de 1 977, traçando sua formação de jurista, de sociólogo e de filósofo e refazendo o fluxo de sua produção intelectual e de suas pesquisas.

299. CÉSAR, Constança M. A polêmica Popper-Kuhn: aspectos, **Reflexão**, 2 (7): 395 – 398. set. 1 977.

Apresentação e discussão das convergências e divergências epistemológicas entre as obras dos dois filósofos da ciência. Kuhn, após assinalar pontos de aproximação entre sua teoria e a de Popper, recusou várias de suas teses referentes à refutabilidade, à natureza do erro e à noção de lógica do conhecimento. A estas críticas, Popper responde igualmente, provocando nova intervenção de Kuhn cujas teses, segundo a autora, se sustentam melhor do que as de Popper.

300. CÉSAR, Constança M. O problema filosófico dos métodos científicos: Gaston Bachelard. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 274 – 278 – jul./set., 1 977.

O artigo explicita a posição de Bachelard referente à crítica as formas de conhecimento direto puramente intuitivo. Para Bachelard, o conhecimento pressupõe bem definido um método de pesquisa que amplie a experiência e coordene o saber. Trata-se de elaborar uma fenome-

nologia não-existencial, que garanta ao cientista sua tensão cooperativa entre o esforço teórico e a pesquisa experimental.

301. MARIANO JR., Júlio Uma leitura de Althusser. **Reflexão**, 2 (7): 443 – 461 set. 1 977.

Retomada, mediante um exercício reflexivo em torno do tempo histórico, da sincronia, de diacronia e da filosofia da história, dos textos de Althusser, com esclarecimento a respeito de seus pressupostos teóricos. Fundamentalmente, segundo Althusser, a teoria da história tem de ser liberada de todo compromisso com a temporalidade empírica, o que equivale a ficar livre da concepção ideológica do tempo.

302. MORAIS, João F. Régis de Ernst Bloch: o semeador da esperança **Reflexão**, 2 (7): 477 – 481 – set. 1 977.

Crônica em homenagem ao “filósofo da esperança”, por ocasião de sua morte. O autor ressalta aos eixos fundamentais de sua obra: o conceito-chave de utopia e o fascínio-chave de esperança. Pensamento pluridimensional que aponta realmente para o desconhecido.

303. PENNA, Antonio G. A teoria do pensamento de Jean Piaget. **Forum Educacional**, 1 (4): 41 – 63 – out./dez., 1 977.

Após situar a teoria piagetiana no contexto das várias teorias do pensamento, o autor mostra que Piaget define o conceito de pensamento por inclusão no de conceito de inteligência. O pensamento será concebido como forma de inteligência precisamente aquela que intervém por procedimentos operacionais interiorizados e simbólicos na solução de problemas. Apóia-se nas formações semióticas e, em particular, nas formações verbais.

304. REALE, Miguel. Filosofia fenomenológica e existencial. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 240 – 248 – jul./set., 1 977.

Comunicação do autor ao IX Congresso Interamericano de Filosofia, realizado em Caracas, em junho de 1 977. Reafirmação da

importância das duas linhas da filosofia contemporânea, reconhecendo que a presença mais positiva e atuante tanto de Husserl quanto de Heidegger, se manifesta segundo valores e direções que ambos os filósofos, de certo modo, não consideravam decisivas ou primordiais na substância de seu pensamento. Neste sentido, o autor explicita a contribuição relevante dos dois filósofos.

## AUTORES BRASILEIROS

305. BARRETO, Geraldo D. Filósofos brasileiros. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 268 – 273 – jul./set., 1 977.

O texto corresponde ao prefácio da 2ª edição brasileira do livro de mesmo título, de Guilherme Francovich. Como tal, apresenta a obra e ele tece comentários, enquanto balanço da atividade filosófica no Brasil, balanço considerado como estudo de valor em que as idéias dos pensadores estudados são expostas sem intenção sectária, polêmica ou apologética.

306. GALEFFI, Romano. Antonio Luís Machado Neto. **Rev. Bras. de Fil.**, 27 (107): 227 – 230 – jul/set., 1 977.

Crônica em homenagem à memória do filósofo baiano, falecido em 1 977. Contém breve retrospecto de sua biografia, bem como de seu itinerário intelectual.

307. HEGENBERG, Leonidas. O descritor em lógica modal. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (108): 407 – 413 out./dez., 1 977.

Comentários críticos do autor à obra do Prof. Elias Humberto Alves, elaborada como tese de doutorado apresentada na PUC de São Paulo. A tese em questão tem o mesmo título do artigo. A ênfase das observações críticas do autor é posta na maneira como o Prof. Elias interpreta as críticas de Quine à lógica modal. A análise do autor acompanha o desenvolvimento da tese, bem como suas referências bibliográficas.

308. MERCADANTE, Paulo. Felisbello Freire, um vulto da ilustração brasileira. *Rev. Bras. de Fil.*, 27 (107): 258 – 267 – jul./set., 1 977.

Apresentação e rápida análise do itinerário intelectual e do pensamento do pensador sergipano Felisbello Freire, médico, escritor e político, que teve grande atuação na vida nacional no fim do 2º reinado, início do período republicano. Filiou-se ao naturalismo evolucionista que serviu de base para sua oposição à monarquia, à escravidão e ao eclétismo.

309. SALDANHA, Néilson. Recordação de Machado Neto *Rev. Bras. Fil.*, 27 (107): 231 – 232.

Crônica contando o encontro do autor com o filósofo Machado Neto, retrata traços da personalidade do pensador e professor universitário. Acompanha o texto, bibliografia fundamental de Machado Neto.

## ESTUDOS SISTEMÁTICOS

### TEORIA DA FILOSOFIA

310. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim* Porto Alegre, Movimento – URGs, 1 977 – ( Col. Dialética, 6 ) 104 p.

Análise crítica do que tem sido a postura considerada filosófica no Brasil e indicação das exigências para um autêntico filosofar brasileiro. O autor caracteriza a atitude filosófica como atitude eminentemente negadora de uma situação histórica e social de dependência, de importâncias postíças e de urgências providenciadas estranhamente. Enquanto pensamento criador, a filosofia deverá ser, abandonando a razão ornamental, a descoberta de nossas importâncias e de nossas urgências.

311. PAIM, Antônio. A questão da originalidade do pensamento filosófico brasileiro. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (107): 249 – 257. jul./set., 1 977.

Partindo da tese segundo a qual a criação filosófica se efetiva em três planos, a saber, o da constituição de perspectivas, o da formulação de sistemas e o da consideração dos problemas e analisando a contri-

buição de alguns pensadores brasileiros, o autor conclui que a meditação brasileira buscou seu próprio caminho, mantendo-se equidistante tanto da reivindicação despropositada de uma filosofia nacional como da hipótese, igualmente descabida, de que a filosofia estaria pronta e acabada. Ao construir esse caminho próprio a meditação brasileira constitui-se como segmento original da filosofia universal.

312. SANTOS, Jessy. A realidade múltipla e movediça do pensar latino-americano. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (108): 414 – 418, out./dez., 1 977.

Debate referente à eventual existência de uma filosofia latino-americana. O autor nega a existência de uma unidade de pensar característico porque a realidade latino-americana é múltipla e movediça. Mas o pensar latino-americano se situaria no prolongamento do pensamento filosófico europeu, identificado como o humanismo cristão, com a busca do bem hedonístico e a eterna perseguição do mistério.

## LÓGICA

313. DUBIKAJTIS, Lech & MORAES, Lafayette. Uma operação única para a lógica modal 55. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (108): 360 – 366 – out./dez., 1 977.

O artigo propõe uma redução dos 3 funtores da lógica modal 55 de Lewis a um funtor único para tanto, os autores apresentam uma definição sintática do funtor de Massey e demonstram de maneira direta, sem uso de modelos, que ela satisfaz as condições exigidas e apresentam outros funtores que gozam da mesma propriedade.

314. LAPPONI, Juan Carlos. Determinação da validade de argumentos com aplicação da aritmética booleana. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (108): 346 – 359 out./dez., 1 977.

Utilização da aritmética booleana para o estudo da validade de argumento no cálculo sentencial, da lógica moderna. A contribuição trazida por esta aritmética está em resolver as limitações da tradicional tabela-verdade de pouca eficiência quando estão em jogo muitas variáveis.

## EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS

318. GALEFFI, Romano. Dimensão à margem da comunicação de Ugo Spírito sobre o tema Sociologia e História. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 418 – 434, out/dez., 1 977.

O artigo reúne as intervenções de Giacono Sevoto, Antonio Pagliaro, Giovanni Semaria, Marino Gentile Lavidas como discussão da comunicação de Ugo Spírito sobre Sociologia e História, em recente encontro na Academia dei Lincei, de Roma. Traz, igualmente, as respostas de Ugo Spírito a estas objeções.

## FILOSOFIA POLÍTICA

319. LEPARGNEUR, Hubert. História das declarações dos direitos. **Leopoldianum**, 4 (11): 20 – 33 – dez., 1 977.

Apresentação do itinerário do conceito dos direitos do homem na história do Ocidente. Reflexão sobre sua dimensão política. Exposição das aporias que esta história revela: apesar de aludir a uma natureza humana permanentemente e universal, sua invocação é um fenômeno culturalmente situado e de construção recente; apesar de coroar uma antropologia política, o conceito dos direitos subjetivos só aparece em contexto de luta social e por parte de pensadores que carecem do poder; aparece como instrumento ideológico de luta contra os abusos do poder, mas igualmente como instrumento jurídico integrado ao direito nacional ou instrumento utópico integrado ao ideal internacional; apesar do valor atribuído ao reconhecimento formal destes direitos, a história mais recente revela, antes, a dialética de aproximação ou divórcio da teoria e da prática na matéria. Esclarecimentos a partir de legislações atuais do Direito positivo de vários países.

320. MARTINS, Estêvão de Resende. Despotismo esclarecido e filosofia política. **Leopoldianum**, 4 (11): 7 – 19, dez., 1 977.

Retomada a discussão, à luz do pensamento filosófico e político dos autores dos sécs. XVII e XVIII do despotismo e do absolutismo es-

315. MORAES, Lafayette de. A lógica discursiva de Jaskowski. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (108): 367 – 381 – out./dez., 1977.

Exposição das posições lógicas de Jaskowski que levam à libertação do vínculo imposto ao raciocínio pela lógica clássica: o princípio da consistência. O cálculo proposicional discursivo desse filósofo foi construído para servir de base a sistemas dedutivos inconsistentes e não triviais. O autor apresenta sua interpretação deste cálculo para o que se serve ainda do sistema 55 de Lewis, cuja estrutura apresenta em seguida.

## METODOLOGIA CIENTÍFICA

316. CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**, São Paulo, McGraw-Hill, 1977. 156 p.

Após situar o lugar da pesquisa no universo científico, o autor expõe as regras do jogo que constituem a metodologia científica. A seguir, aborda a questão da escolha do tema, da montagem da pesquisa, de seu roteiro e de sua gerência. O texto apresenta desde as questões de epistemologia da ciência até a manipulação das técnicas e a atuação das instituições administrativas que interferem no trabalho de pesquisa.

317. SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do Trabalho Científico. Diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade**. 3ª ed. São Paulo, Cortez & Moraes 1978. 160 p.

Trata-se de uma 3ª edição (BBF. 2) revista e bastante ampliada. O livro visa dar orientações práticas às várias formas do trabalho intelectual na Universidade, propondo-se como guia de estudos para o universitário. Após falar sobre a organização da vida de estudos, o livro apresenta as diretrizes para análise e interpretação de textos, para a documentação, para o seminário e para a elaboração da monografia científica. Noutro momento, são feitas observações metodológicas específicas aos trabalhos de pós-graduação e apresentados os pré-requisitos lógicos do trabalho científico. Ao tratar dos instrumentos de estudo, o autor apresenta as principais revistas, bibliografias e dicionários especializados das várias áreas da ciência.

clarecido em suas relações com o iluminismo. Mostra a justificação teórica do poder político dos monarcas com estas teorias filosóficas em que se apóiam. Análise dos principais exemplos da história política européia.

321. MOTA, Walter Silveira da. Três termos inter-relacionados. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 295 – 299.

Analisando as condições da existência do homem contemporâneo, o autor relaciona a dimensão política com a dimensão espiritual do homem e com a tecnização desta mesma existência. Conclui que só a vivência de espírito crítico permite a superação da robotização do homem e o alcance da humanização.

322. SAES, Décio. Classe média e política de classe ( numa nota teórica ) **Contraponto**, 2 (2): 96 – 102 – nov., 1977.

Comentário do autor a algumas teses sobre a classe média apresentados pelo Prof. Arno J. Mayer à Conferência de Hist. e Ciências Sociais, promovida pelo Dpto. de Ciências Sociais da Unicamp. O autor mostra como a classe média se tornou um problema político atual, explora a tendência teórica que se exprime na tese de Arno Mayer sobre a classe média, com suas conseqüências no âmbito da política.

323. WEFFORT, Francisco C. e outros. A crise política e a luta pela Democracia no Brasil. **Contraponto**, 2 (2): 5 – 49 – nov., 1977.

Mesa-redonda com participação de Francisco Weffort, Francisco de Oliveira, João Carlos Torres, Jorge Batista, Álvaro Moisés, Alan Melo Marinho e Sydnez Sergio Solis. Retomou a discussão que se desenvolveu no Brasil sobre a questão das liberdades democráticas, partindo de um posicionamento a favor da democracia que não impede se manifestem contradições e divergências e suscitem práticas e propostas políticas diferentes.

## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

324. CINTRA, Benedito Eliseu. Tecnocracia e educação política. **Reflexão**, 2 (6): 193 – 202, jul. 1977.

O autor mostra como o homem ocidental herdou do mito da consciência objetiva da ciência, a crença de que é impossível separar a educação da política, a crença de que tudo pode ser organizado e solucionado, inclusive a convivência humana, mediante o agenciamento de instrumentos puramente técnicos criados pela ciência. Recusando esta crença, o autor afirma, com Paulo Freire, a exigência de uma educação humanizadora e de toda uma irrecusável consideração antropológica.

325. GOERGEN, Pedro L. A importância da teoria na educação. **Reflexão**, 2 (7): 383 – 394, set., 1 977.

Após explicitar o sentido de teoria, o autor mostra a necessidade da reflexão teórica partindo de um ponto de vista histórico, da discussão teórico-prática e da problemática da ciência. Assim, mostra que a história da prática pedagógica está marcada pela emergência da teoria educacional, teoria esta que sempre exerceu papel importante no contexto da própria pesquisa e da significação da prática. Mostra, igualmente, que a própria crítica da ciência tem levado os pensadores a superarem uma concepção por demais empirista da ciência, revalorizando o papel da pesquisa teórica.

326. MACHADO NETO, S. L. Para uma fenomenologia da educação. **Rev. Bras. Fil.**, 27 (107): 288 – 294, jul/set., 1 977.

Proposta para elaboração de uma ontologia da educação que pudesse dar fundamento eidético a todo trabalho posterior de pretensão científica ou técnica sobre matéria educacional. Faz-se necessária uma correta fenomenologia da educação, que dê a essência desse objeto e a experiência que ele proporciona. O artigo apresenta então uma descrição eidética da educação enquanto objeto da experiência.

327. PEREIRA, José Carlos. Sobre os rumos do sistema educacional brasileiro. **Fórum Educacional**, 1 (4): 87 – 100 out/dez., 1 977.

O artigo coloca duas questões fundamentais relativas aos rumos do sistema educacional: a eventual falência do ensino formal e a dúvi-

da quanto aos reais resultados do processo de democratização do ensino. O autor conclui, de sua análise, que o principal aspecto, num processo de democratização, de melhoria de qualidade e de efetividade econômica do sistema educacional, reside na diminuição de fatores extra-educacionais no recrutamento e promoção no ensino de 2º e 3º graus.

## FILOSOFIA DA CIÊNCIA

328. MACIEL, Jarbas. Sobre a teoria da relação — III. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (108): 382 — 406, out/dez., 1977.

Segundo o autor, a enorme significação da teoria da relação para a filosofia da ciência reside na análise profundamente heurística que ela possibilita da ação e, portanto, dos sistemas. Apresenta a definição relacional de ação, o conceito e representação de estrutura. Este artigo é a conclusão das partes I e II que saíram publicadas nos fascículos 86 e 88 da mesma revista.

## FILOSOFIA DA CULTURA

329. MORAES, Eduardo Jardim de. A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica. *Rev. Bras. Fil.*, 27 (107): 300 — 310, jul/set., 1977.

Colocações preliminares no sentido de se definir os pressupostos de uma história das idéias da civilização brasileira e no sentido de se discutir continuamente não só o estilo modernista, mas a idéia modernista. O autor interpreta o movimento modernista como o movimento de idéias propondo um projeto teórico com duas faces: de um lado, empreende uma leitura crítica da realidade da cultura nacional, e de outro, ele define um plano para esta cultura que chama de projeto de brasilidade. As categorias de integração e de intuição funda as vertentes analítica e sintética do movimento.

330. MORAIS, João F. Régis de. Europeização, Europeísmo e cultura brasileira. *Reflexão*, 2 (7): 399 — 417.

O autor procura analisar a situação cultural brasileira sob o impacto histórico da colonização européia. Mostra que à europeização colonizadora sucedeu um europeísmo que vem tendo efeito ambivalente sobre a realidade brasileira contemporânea. Embora não enriqueça com suas produções culturais, tal situação obstaculiza nossa expressão individual de nação. Ao Brasil se impõe assumir a necessidade de se expressar e, por este ato, criar sua cultura.

331. MOTTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira**, ( 1933 — 1974 ): pontos de partida para uma revisão histórica. 3 ed. São Paulo, Ática, 1977. ( Ensaios, 30 ) 368 p.

Proposta de uma revisão de história da cultura brasileira, explicitando as subjacências ideológicas dos vários modelos de interpretação desta cultura, nos últimos 40 anos. Apresenta uma nova periodização da produção cultural, com marcos referenciais para a abordagem historiográfica. Inicia com fase caracterizada pelo redescobrimto do Brasil ( 1933 — 1937, Gilberto Freyre e Fernando de Azevedo ); vem, a seguir, a fase marcada pelos primeiros frutos da Universidade ( 1948 — 1951 ); depois a era de ampliação e revisão referencista ( 1957 — 1964 ); em seguida, a era das revisões radicais ( 1964 — 1969 ) terminando com a fase caracterizada pelos impasses da dependência ( 1969 — 1974 ).

## FILOSOFIA DA LINGUAGEM

332. NEPOTE, Ary. A linguagem como fator de identidade humana. **Reflexão**, 2 (6): 237 — 244, jul. 1977.

O autor visa mostrar que a linguagem é o único instrumento de que o homem dispõe para demonstrar a sua condição de ser pensante e humano. Para tanto o autor recorre a Lacan para quem o discurso permite a independência do homem em relação ao mundo sensível e possibilita sua humanização: exemplifica, igualmente, sua tese recorrendo aos discursos simbólicos dos artistas e pensadores, de modo particular de Bosch.

## FILOSOFIA DA ECONOMIA

333. MATIAS, G. Estado e Capital: notas sobre um debate recente. **Contra-pon-to**, 2 (2): 50 – 74, nov., 1 977.

Análise e interpretação do debate havido no Brasil entre a tendência privatista e a tendência estatizante da economia brasileira. O autor explicita o projeto político-econômico, em torno dos quais se articulam hoje as múltiplas frações das classes dominantes. Após deter-se no argumento desenvolvido por estas suas correntes, o autor demonstra que a ação econômica do Estado, longe de resultar simplesmente dos desígnios de uma pretensão "burguesia do estado" ou de qualquer outra fração hegemônica das classes dominantes, é determinada fundamentalmente pelo movimento da Capital no seu conjunto.

## FILOSOFIA DO DIREITO

334. IGLÉSIAS, Alvaro César. Equidade: dimensão antropológica da justiça. **Reflexão**, 2 (6): 173 – 193 – jul., 77.

No artigo, o autor se propõe refletir sobre a dimensão antropológica da justiça, buscando desvelar seu significado humano, de modo que o seu dever-se que impõe ao homem, seja um dever-ser com que lhe é intrínseco. Aborda, assim, a questão da intersubjetividade que funda a coexistência social. A descoberta do outro leva à compreensão de alternidade que, por sua vez, conduz ao centro do universo da justiça. Neste universo, será a equidade que superado o formalismo da norma, encarnará a justiça entre os homens na história concreta da civilização.

335. IGLÉSIAS, Alvaro C. Para que filosofia na Faculdade de Direito ? **Reflexão**, 2 (7): 419 – 442 – set., 1 977.

Após apontar as causas da queda da qualidade do ensino jurídico no Brasil, o autor mostra que o desaparecimento da filosofia do direito deste ensino se deveu fundamentalmente à própria filosofia que era ensinada, que teria repudiado sua vocação e seu compromisso com a verdade, compactuando-se com o conformismo e recusando sua missão de criticar a realidade presente. O autor reclama a volta da filosofia a esta sua função crítica, de modo especial na formação do bacharel em ciências jurídicas função que procura redefinir.